

## **Redes Familiares: um palco para atos de reciprocidade e conflitos**

Elton Francisco<sup>1</sup>

Eunice Sueli Nodari<sup>2</sup>

**Resumo:** Não raramente os recursos utilizados pelos e/imigrantes brasileiros que rumaram aos Estados Unidos nas últimas décadas, e que definitivamente não são apenas financeiros, desvelam estratégias familiares no sentido de tornar possível a experiência migratória de um ou muitos de seus membros. Os relatos orais desses imigrantes têm mostrado que as redes familiares têm se apresentado como uma importante estratégia para a concretização de projetos e experiências migratórias no mundo globalizado. Mas eles também apontam para a ideia de que essas redes não são espaços constituídos apenas por atos de reciprocidade mas também de renegociações e conflitos. Neste trabalho analiso através de relatos orais de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos como as redes familiares têm se apresentado como um palco de reciprocidade, negociações e conflitos nas suas experiências e/imigratórias. As narrativas orais de 10 e/imigrantes brasileiros, homens e mulheres, são metodologicamente tratadas a partir da perspectiva da História Oral e provenientes da realização de dois diferentes trabalhos de campo, o primeiro deles com e/imigrantes retornados na cidade de Governador Valadares (MG- Brasil) em novembro de 2010 e o segundo com e/imigrantes que ainda vivem nos Estados Unidos, na região da Grande Boston (MA-EUA) no primeiro semestre de 2014.

**Palavras-chave:** E/imigração; Redes familiares; Reciprocidade e conflito.

### **Introdução**

A emigração de um número significativo de brasileiros para o exterior, principalmente para os Estados Unidos e Europa, ainda é um fenômeno recente. Este fluxo se inicia de forma bastante esporádica na década de 1960, intensifica-se ao longo da década de 1980 e podemos localizá-lo especificamente em algumas cidades brasileiras como Governador Valadares (MG) e Criciúma (SC). Na virada do século XX, no entanto, a realidade da emigração já fazia parte do cotidiano de milhares de brasileiros de modo que podemos falar em um espraiamento dos locais de saídas destes emigrantes, abrangendo, por exemplo, outras cidades como Maringá (PR) ou mesmo regiões vizinhas às cidades já citadas. Com este movimento migratório o Brasil se insere na dinâmica de um novo panorama mundial marcado também por novos fluxos migratórios internacionais, sobretudo a partir da década de 1970 no contexto da chamada “crise do petróleo”. Nesse processo, e paulatinamente, desvanece a idéia de que o Brasil é somente país de imigração.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista Capes, PDSE. Email: eltgamb@gmail.com

<sup>2</sup> Professora doutora do Programa de Pós-graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: Eunice.nodari@gmail.com

Este trabalho está centrado na emigração de brasileiros de Minas Gerais que rumaram para os Estados Unidos ao longo das últimas décadas. Esse fluxo migratório se espraia a partir da cidade de Governador Valadares que desde a década de 1960 mantém uma conexão com algumas cidades norte-americanas, principalmente com cidades dos estados de Massachusetts e Flórida. Segundo Wilson Fusco (2001), apoiando-se nos dados de uma pesquisa realizada em Governador Valadares em 1997, 85,6% dos valadarenses que emigraram para o exterior escolheram os Estados Unidos como destino. Para Weber Soares (1999) 58,6% deles emigraram entre os anos de 1980 e 1989. Os valadarenses se dirigiram para pontos específicos nos Estados Unidos e, da mesma forma que os goianos se concentraram em São Francisco na Califórnia (RIBEIRO, 1999), os valadarenses se dirigiram principalmente para o estado de Massachusetts, 51% do total de emigrados, dos quais um terço deles encontrados somente na cidade de Boston (FUSCO, 2001). Esse direcionamento evidencia a presença e a dinâmica de redes sociais, nos sugerindo que quando alguns indivíduos se fixam em determinados lugares e com um certo “amadurecimento” dessas redes, elas direcionam o fluxo para lugares específicos. Em geral essas redes migratórias são formadas por laços de parentesco, origem comum ou amizade anteriores à experiência da migração, é por isso que podemos dizer que “as redes migram” (TILLY, 1990).

Atualmente esta conexão se mantém constante na medida em que os sistemas de telecomunicações e a mídia têm o potencial de permitir às redes sociais frequentes conexões, transcendendo fronteiras nacionais e ligando redes domésticas através de grandes distâncias. Estudos recentes sobre estes fluxos/processos têm demonstrado a importância das redes sociais na compreensão da organização social das migrações contemporâneas, e para o caso brasileiro, na concretização da ideia de “fazer a América”, projeto migratório cujo objetivo é a migração, o trabalho intensivo, a poupança, o retorno e o investimento na terra de origem.

Os recursos utilizados pelos e/immigrantes mineiros que rumaram aos Estados Unidos nas últimas décadas, e que definitivamente não são apenas financeiros, desvelam estratégias familiares no sentido de tornar possível a experiência migratória de um ou muitos de seus membros. Os relatos orais desses imigrantes têm mostrado que as redes familiares têm se apresentado como uma importante estratégia para a concretização de projetos e experiências migratórias no mundo globalizado. Mas eles também apontam para a ideia de que essas redes não são espaços constituídos apenas por laços de reciprocidade e solidariedade uma vez que elas também são informadas por hierarquias de poder que não raro produzem tensões e

conflitos. Neste trabalho analisamos através de relatos orais de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos como as redes familiares têm se apresentado como um palco de reciprocidade, negociações e conflitos nas suas experiências e/ou migratórias.

Não será possível aqui discutir a trajetória de migração de todos os imigrantes entrevistados devido à brevidade do artigo, contudo, foram entrevistados 10 e/ou imigrantes brasileiros entre homens e mulheres em dois diferentes trabalhos de campo, o primeiro deles com e/ou imigrantes retornados na cidade de Governador Valadares (MG- Brasil) em novembro de 2010 e o segundo com e/ou imigrantes que ainda vivem no estado de Massachusetts (EUA) no primeiro semestre de 2014. Dentre outras trajetórias de vida que poderiam aqui ser discutidas no sentido de salientar as dinâmicas das redes migratórias forjadas por laços de parentesco escolhi a história de migração de duas diferentes famílias no intuito de demonstrar como as redes familiares estão repletas de expectativas de reciprocidade, renegociações em termos de gênero e geração e situações de conflitos.

O trabalho é metodologicamente embasado pela perspectiva da História Oral para a qual as narrativas orais são fontes construídas a partir de uma relação dialógica entre o pesquisador e o entrevistado e são subjetivamente relativas a contextos e situações (PORTELLI, 2004). Elas são provenientes de “entrevistas de trajetórias de vida” que nada mais são do que “depoimentos de história de vida mais sucintos e menos detalhados” (DELGADO, 2006, p.23), e que no caso deste trabalho elucidam no contexto das trajetórias de vida as experiências e trajetórias migratórias. Como destacou o historiador Alistair Thomson (2002), a perspectiva da História Oral vem se firmando desde a década de 1980 como “portadora de uma particularidade” a partir da qual podemos entender melhor “os significados subjetivos da experiência histórica”.

Ao reconstituirmos as trajetórias dos emigrantes em seus cotidianos podemos apontar nuances da organização social da migração na contemporaneidade, como o processo de constituição e dinamização das redes sociais e as modificações nas relações familiares e de gênero. Os relatos orais denotam processos de trocas de informações e negociações no interior das famílias e das redes sociais e trazem à luz experiências de e/ou imigrantes que na maioria dos casos não possuem status legal de permanência, razão pela qual não gostam de ser identificados e/ou produzem poucas possibilidades capazes de documentar tais experiências. Segundo a historiadora Isabelle Bertaux-Wiame (1979 *apud* THOMSON, 2002, p.346), através desses relatos é possível visualizar “redes de relações entre as pessoas que não deixam

vestígio escrito atrás delas”. Os relatos orais estão se apresentando como dados essenciais para a compreensão da organização social das migrações na contemporaneidade visto que contribuem na averiguação dos fatores e causas da migração ao evocar “imaginários culturais” sobre os futuros locais de destino (THOMSON, 2002), aspecto que nos alerta para a existência de uma subjetividade do e/imigrante de primeira geração que quase sempre contesta a racionalidade da emigração apregoada pelas explicações de atração e repulsão no campo das teorias de migração internacional (SASSEN, 2010).

### **Redes sociais e migrações contemporâneas**

No campo da teoria das migrações internacionais as análises que enfatizam somente os aspectos econômicos envolvidos na decisão de emigrar falham em explicar a configuração dos fluxos e/imigratórios contemporâneos apenas em função de fatores de atração e expulsão (*push and pull theory*), ou seja, de um lado fatores como a pobreza e o desemprego, e de outro, fatores como possibilidades de emprego e melhores salários. Essa fórmula tenderia a produzir migrações massivas mas a empiria demonstra que nem todos os sujeitos vivendo em situações semelhantes emigram, os teóricos neoclássicos, por exemplo, não conseguem explicar por que em países pobres algumas pessoas emigram e outras não, ou por que alguns pontos específicos no destino atraem mais imigrantes do que outros com estrutura de mercado de trabalho semelhante (FUSCO, 2001). A ênfase na tomada de decisão de indivíduos racionais também não parece satisfatória na medida em que é preciso considerar que na maioria dos casos a opção de emigrar é produzida socialmente (MASSEY, 1999).

Em contraposição a visões economicistas os teóricos do Capital Social (*Social Capital Theory*) têm enfatizado o papel positivo que o capital social exerce na aquisição e acumulação de outras formas de capital e destacadamente o papel que desempenha nas redes migratórias. O conceito de Capital Social é definido como “a soma de recursos reais ou virtuais, que provém de um indivíduo ou um grupo em virtude de possuir uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento mútuo e reconhecimento” (BOURDIEU e WACQUANT, 1992 apud MASSEY, 1999, p.43). Em geral, como demonstrou Massey (1987) ao estudar a e/imigração de mexicanos para os Estados Unidos, as redes de relacionamentos mais importantes são aquelas baseadas sobre o parentesco, a amizade e a origem comum.

Para Massey (1987, p.169):

A teia de relações sociais interligadas, mantida por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apóia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não-migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino, constitui a rede migratória. Essa rede tende a se tornar auto-suficiente com o tempo, por causa do capital social que faculta aos migrantes em potencial, contatos pessoais com parentes, amigos e conterrâneos; oferecem aos migrantes oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira no destino. À medida que as conexões interpessoais são estendidas e elaboradas, esse capital social mostra-se cada vez mais disponível ao migrante potencial nas comunidades de origem, o que intensifica a expectativa dos retornos líquidos e reduz progressivamente os custos financeiros e físicos da migração.

Uma vez que alguém em uma rede pessoal emigra os laços sociais são transformados em recursos que podem ser usados para que outras pessoas consigam emigrar. A probabilidade de que isso ocorra aumenta na medida em que os laços pessoais diminuem os custos e os riscos do movimento migratório. Esse capital social transforma-se em capital financeiro à medida que as pessoas têm acesso a trabalho no exterior, melhores salários, e a possibilidade de acumular poupança ou enviar remessas (MASSEY, 1987, p.139). Embora não sejam criados pelo processo migratório os laços sociais são adaptados por ele e são reforçados pela experiência comum da emigração. Um sentimento de familiaridade advém do fato de que as próprias redes de relacionamentos pessoais locais são “transplantadas” para a comunidade de destino, ou, para usar a expressão do historiador Charles Tilly (1990), porque essas redes “migram”.

Com o passar do tempo, conforme essas redes “amadurecem”, tendem a direcionar os emigrantes para um mesmo destino, reforçando vínculos e conformando comunidades de imigrantes no exterior, “comunidades filhas” (*daughter communities*) como as denomina Massey (1987), e direcionando-os também para postos específicos no mercado de trabalho do país receptor. O enfoque teórico da Teoria do Capital Social e a ênfase na configuração e dinâmica das redes migratórias tem permitido perceber as condições em que efetivamente se dá a migração e tem demonstrado que na maioria das vezes a migração é um projeto coletivo, familiar e afetivo, no qual se envolvem não só aqueles que migram, mas também aqueles que permanecem na origem (ASSIS, 2002).

## Redes familiares: estratégia, reciprocidade e conflito

Início com a breve história de migração da família de Vanusa<sup>3</sup> descrita através da narrativa que conta sua trajetória de migração. Ela tem cinquenta anos e chegou aos Estados Unidos quando tinha trinta e três, em 1997. Ela estava separada e tinha uma filha de 15 anos. Ambas moravam na casa da mãe de Vanusa. Como estava desempregada e sem expectativas de melhores condições de vida na sua cidade natal, São João do Oriente (MG), Vanusa emigrou para os Estados Unidos. Seu projeto era permanecer o tempo que fosse preciso para adquirir uma casa própria para que ela e a filha pudessem sair da casa da mãe dela, contudo com a adaptação da vida nos Estados Unidos e conflitos com familiares ela nunca mais voltou a morar no Brasil.

Vanusa deixou a filha com a avó da menina, mãe dela, que concordou em cuidar da neta enquanto a filha juntava dinheiro para comprar uma casa ou se possível pagar as despesas com a viagem posto que ela também era separada e também desejava emigrar. Vanusa custeou as despesas de sua viagem com o dinheiro de uma pequena economia que havia feito e com uma quantia tomada de empréstimo de um de seus irmãos. Este irmão acordou com Vanusa que ajudaria a tomar conta da filha dela e da própria mãe. Após conseguir um visto de turista através de uma agência de viagens de São Paulo ela chegou na cidade de Danbury, no estado americano de Connecticut, onde morou por quatorze anos. Lá ela foi hospedada pela cunhada de uma de suas irmãs que já estava nos Estados Unidos há dois anos e com quem trabalhou por um tempo fazendo limpeza de casas até conseguir formar seu próprio *schedule*<sup>4</sup>. Somente após três anos e sete meses ela conseguiu levar a filha e a mãe para morar com ela em Danbury. Durante esse período ela relata que manteve uma relação conflituosa com o irmão que lhe prometera ajudar.

Eu mandava tudo pra ela (filha, grifo meu). O meu irmão olhava porque morava perto, mas não dava nada. Eu também mandava uma ajuda pra ele ajudar a olhar elas. Mas o sofrimento foi muito nos mais de três anos que eu aqui estava e as deixei lá. Nossa, a minha filha sofreu tanto lá com eles, a pressão deles era muito grande em cima dela e ela tentou até se suicidar. E um dia, um dos únicos telefonemas que eu recebi dele foi pra falar comigo

---

<sup>3</sup> Neste trabalho utilizo nomes fictícios no intuito de preservar a identidade dos imigrantes entrevistados.

<sup>4</sup> O trabalho de limpeza ou faxina é um serviço que apesar do baixo *status* garante um bom retorno financeiro e certa autonomia, considerado pelas imigrantes brasileiras como sendo um “negócio”, um “*business*”. Uma faxina custa em média de 50 a 100 dólares e dura aproximadamente duas horas em cada casa, o que permite que várias casas sejam limpas em um único dia de trabalho. O *schudele* consiste em uma agenda estruturada que distribui as casas nas quais trabalham ao longo dos dias da semana e pode conter casas semanais, quinzenais ou mensais. Como já salientaram em seus trabalhos Assis (2003) e Fleischer (2002) o caráter de negócio que adquire a faxina, por ser considerado bem remunerado e por ser autônomo, confere autonomia e prestígio às imigrantes na comunidade brasileira, o que dota a faxina lá realizada de *status* diferente daquela realizada no Brasil, motivo que leva muitas delas a aceitar e justificar a inversão de papéis: muitas delas passaram de patroas no Brasil à faxineiras nos Estados Unidos.

assim: “minha irmã, você sabe o peso que você deixou aqui no Brasil pra nós?” Daí eu desliguei o telefone, chorei, chorei e pedi a Deus uma forma de que aquilo mudasse. E dentro de setenta e dois dias depois eu tinha conseguido tudo e aqui dentro estava a minha mãe e a minha filha, com visto de turista. E a minha dívida com o meu irmão, que foi apenas de 2,800 reais, quando eu acabei de pagar ela estava saindo pra mim por praticamente vinte e poucos mil reais, foi um juro assim, exuberante. Só que ele não esperava de um dia poder vir, querer vir pra cá, e anos depois ele me ligou e me pediu se eu podia ajuda-lo a vir, e eu ajudei. Vieram pelo México, ele, a esposa e a filha, chegaram bem graças a Deus, e eu fui na Califórnia buscá-los (Danusa, 50 anos, entrevistada em 17/05/2014 em Hudson (MA) por Elton Francisco. Transcrição de Elton Francisco).

Vanusa conseguir se legalizar através de contrato de trabalho, com ajuda de uma das famílias americanas para quem trabalhava, e conseguiu aplicar o processo para sua filha que também se legalizou. A filha que hoje tem trinta e dois anos casou-se e foi morar na cidade de Hudson, no estado de Massachusetts, e tem uma filha americana. Vanusa mudou-se para Hudson há dois anos após separar-se de um brasileiro com quem casou-se anteriormente. Nessa cidade ela fez curso de *Nursing Assistant Training* (CNA) e atualmente trabalha cuidando de duas pessoas idosas.

No segundo caso cruzo as trajetórias e/ou imigratórias e de vida de Benta, Lucí e Luiza. Elas são valadarenses e respectivamente avó, mãe e neta. Com apenas 17 anos de idade Lucí largou o emprego em um escritório de contabilidade e foi para os Estados Unidos ao encontro do marido Robson que já a esperava. A emigração deles foi coletivamente planejada e a idéia partiu dele que, não querendo romper o noivado firmado há um ano, pretendia levá-la consigo. No início de 1989, quando ainda era noivo de Lucí, Robson se aventurou pela fronteira mexicana. Benta relembra que “*ele foi com um grupo de rapazes porque foi convidado e ficou todo entusiasmado porque naquela época, há 22 anos atrás, eles achavam que os Estados Unidos era a melhor opção que tinha*”. Aproximadamente seis meses depois da partida do noivo e após conseguir o visto de turista, Lucí emigrou para os Estados Unidos acompanhada pelo pai que “*ficou com medo que ela não se adaptasse*”. O pai, que também conseguiu o visto e que foi apenas para acompanhá-la, acabou ficando e trabalhando naquele país até 1991, reemigrando em 1993.

Em 1980 eu já comecei a ver algumas pessoas falando “ah, fulano foi pros Estados Unidos”, mas eu achava aquilo o fim do mundo e que nunca aquilo ia chegar na minha casa, até que o pai da Luzia chegou com essa idéia, parece que se ele não fosse ele até morria e disse que se a Lucí não fosse ele ia voltar. Então tomamos providências rápidas e fizemos um casamento por procuração e ela foi com o meu marido. Ela saiu daqui casada, mas ele mandou a procuração lá dos Estados Unidos. É um casamento muito esquisito, o meu

filho mais velho que ainda estava aqui que assinou no lugar do noivo. Eu achei muito ruim porque eles já estavam noivos, já tinham comprado quase todos os móveis que ficaram guardados na minha casa, eu pensava em fazer casamento, fazer uma festa, então a minha programação era outra e de repente a coisa mudou (Benta, 68 anos, emigrou em 1996, entrevistada pelo autor em 06/12/2010 em Governador Valadares. Transcrição do autor).

Lucí e todos os integrantes da família que emigraram posteriormente foram para a cidade de Deerfield, na Flórida. Alguns meses depois da chegada aos Estados Unidos ela e o marido se mudaram para cidade de Framingham, quando descobriu que estava grávida de Luzia, até hoje sua única filha, que nasceu naquela cidade. Em 1990, após uma decisão familiar, Lucí mandou a filha com apenas 40 dias de vida para que ficasse aos cuidados de Benta no Brasil. Robson a trouxe e retornou para a cidade de Deerfield para onde Lucí também retornou devido às dificuldades com trabalho e com o frio que fazia no estado de Massachusetts. Três meses depois e arrependida, Lucí retornou ao Brasil, segundo ela *“desesperada porque era muito nova ainda e não sabia bem o que eu tinha feito, vim embora porque não aguentava mais ficar sem ela”*.

No retorno ao Brasil com Robson, os dois juntaram as economias e arrendaram uma padaria que *“não deu muito certo porque era em outro bairro e acontecia muito assalto”*. Quando Luzia completou dois anos e tendo comprado uma casa que precisava de reformas, Benta sugeriu que o casal reemigrasse para os Estados Unidos deixando Luiza novamente aos seus cuidados. Na esteira deles foram os dois irmãos de Lucí, o mais velho acompanhado da esposa, casal este que mora até hoje nos Estados Unidos e tem dois filhos norte-americanos. O irmão mais novo retornou um ano depois por não se adaptar à vida nos Estados Unidos.

Lucí e o marido retornaram pela segunda vez ao Brasil apenas em 1995, quando a filha já havia completado cinco anos e, sendo criada pela avó, não os reconhecia como pais.

Como ela falava com o pai no telefone, e essa foi uma parte que eu nunca esqueci na minha vida, nem ela se lembra disso, quando a gente passava eu falava com esse vizinho de mesmo nome e quando a gente se afastava ela perguntava: ‘oh vó, esse Robson é aquele que eu converso pelo telefone?’ (risos), mas eu fiquei com tanta dó menino, chegou a me doer o coração, quer dizer, ela tava sem saber que falava com o pai (Benta, 68 anos, entrevista citada).

Em 1996 Lucí e o esposo reemigraram pela terceira vez. Dirigiram-se à cidade de Deerfield levando junto a filha Luiza. Benta, aproveitando a visita do marido ao Brasil procurou o Consulado norte-americano e conseguiu o visto, foi pela primeira vez para os Estados Unidos onde a família se reencontrou, ficando em Governador Valadares apenas o

filho mais novo que casou e hoje tem um filho de 7 anos. Na Flórida ela também trabalhou como *housecleaners* ajudando Lucí que tinha um *schudele*, embora tenha se ocupado principalmente com o cuidado de Luiza e de seus outros dois netos norte-americanos.

Hoje, todos moram em Governador Valadares e excetuando a família do filho mais novo de Benta, todos os integrantes da família tem acesso livre entre o Brasil e os Estados Unidos. Benta e o esposo possuem o *Green Card*, os outros são cidadãos norte-americanos por nascimento ou porque “juraram a bandeira”. A família do filho mais velho mora nos Estados Unidos e não pretende viver no Brasil. Lucí, após uma conflituosa separação de Robson, mora em Governador Valadares e possui uma nova padaria, fruto da divisão de bens, tem um novo namorado com quem pretende casar e levar para os Estados Unidos quando possível. Segundo ela foi o irmão mais novo, aquele que “*não se adaptou*” nos Estados Unidos que a ajudou na separação e no negócio da padaria.

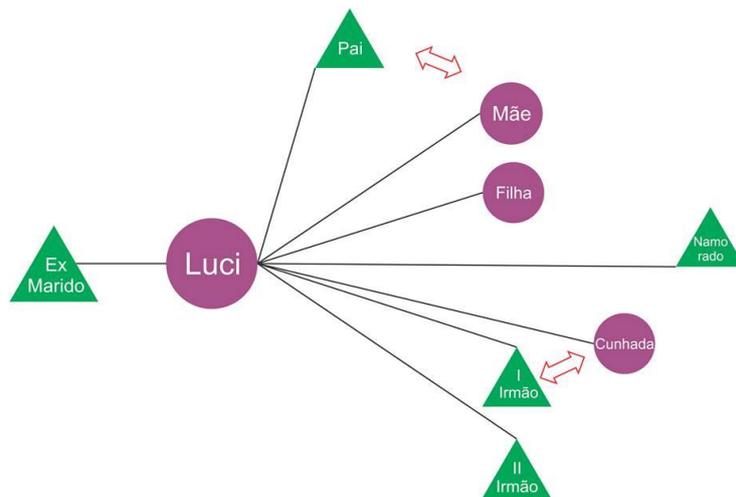


Figura 1- (Representação da rede migratória formada pela família de Luci)

As narrativas sobre a trajetória de vida de Benta, Luci e Luiza visibilizam a construção de uma vida entre dois lugares, seus interesses, racionalidades e contradições. Demonstram como se (re)configuram as relações familiares e o importante papel desempenhado pelas redes familiares no planejamento e na execução do projeto migratório. O papel desempenhado por Benta que não apenas se viu mais uma vez como mãe, mas também como uma “avó transnacional” que cuida dos netos “lá e aqui”. O papel desempenhado pelo irmão caçula que não se adaptou nos Estados Unidos, retornou ao Brasil, estudou jornalismo com a ajuda

financeira da família e que foi de fundamental importância para a (re)estruturação financeira e emocional da irmã Lucí quando esta se separou e também retornou ao Brasil. A experiência de Luiza, que alfabetizada nos Estados Unidos e retornando com Lucí em 2002 enfrentou problemas na escola, principalmente com “*o português*”. A ausência dos pais e a presença da avó que se transformou em mãe.

Esses exemplos demonstram a importância dos laços familiares no contexto da experiência migratória, o quanto essas experiências são marcadas por gestos de solidariedade e conflitos, pelas expectativas, ambiguidades e pela re(configuração) dos papéis sociais ocupados pelos integrantes da família. Destacadamente, a experiência de Luiza é semelhante àquelas vivenciadas por muitas outras crianças e adolescentes valadarenses que permanecem no Brasil enquanto os pais emigram deixando-as aos cuidados dos avôs, em geral maternos, que se encarregam de cuidar e educar os filhos de seus filhos, o que faz parte de um projeto coletivo, familiar e afetivo (ASSIS, 2002) nas quais diferentes posições de sujeitos são vivenciadas tendo em vista uma provável melhora no padrão de vida de toda a família.

Neste contexto, as famílias “transnacionais”, ao reconstruírem seus laços entre dois lugares, não o fazem sem conflitos e redefinições de papéis de modo que uma rede transnacional de cuidado é imprescindível para que mulheres como Lucí e Vanusa possam se transformar em trabalhadoras do e no mundo globalizado. As relações familiares e as modificações que nelas ocorrem no contexto da e/imigração não são vivenciadas apenas por aqueles que emigraram, mas também por aqueles que permaneceram na cidade de origem à espera do retorno dos primeiros. Essas relações são acordadas entre os membros familiares que as experimentam não só pelo signo da solidariedade, quando as avós se submetem e se comprometem com o cuidado dos netos, por exemplo, mas também pelo signo do conflito e das ambiguidades, quando as mães se sentem culpadas por terem deixado os seus filhos nas sociedades de origem (e isso é recorrente nas narrativas de muitas delas) ou quando os filhos se sentem abandonados pelos pais no contexto da mesma situação, por exemplo.

Essa estratégia de deixar os filhos aos cuidados dos avôs enquanto faz parte da cultura migratória que se constituiu em Governador Valadares. O conceito de “rede de família ampliada” pode ser utilizado para a compreensão da história das famílias de Lucí e Vanusa. Seu papel preponderante foi destacado pelo historiador Alistair Thomson em “Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração” ao demonstrar que entre as redes de relacionamentos a rede “da família ampliada” assumiu destacado lugar nos fluxos de

migração contemporâneos. Citando o caso analisado por Mary Chamberlain (1979, *apud* THOMSON, 2002) dos barbadianos para a Grã-Bretanha o autor demonstra como a rede da família ampliada contribui para relativizar teorias de migração internacional excessivamente economicistas; como essas famílias proporcionam redes de apoio em Barbados e na Inglaterra, como no caso das crianças deixadas pelos pais aos avôs, e como os membros da família assumem papéis diferentes no processo de migração em termos de gênero e geração.

Essa é uma estratégia familiar que tem sido observada em outros fluxos e/immigratórios contemporâneos e faz parte do que Arlie Russel Hochschild (2004 *apud* LISBOA, 2007, p.811) chama de “cadeia global de assistência”, no qual nos países desenvolvidos e principalmente na Europa, trabalhadoras domésticas provenientes de países mais pobres estão substituindo o cuidado até então desempenhado pelas famílias, hospitais, asilos e outras instituições. De modo que se gera uma cadeia perpassada por nacionalidade, classe e raça na qual as mulheres mais pobres cuidam dos filhos das mais ricas: uma mulher cuida dos filhos da migrante no país de origem, outra cuida dos filhos desta mulher, geralmente a mãe ou a filha mais velha, e a migrante por sua vez cuida dos filhos das profissionais liberais européias.

Nos estados Unidos esse processo foi analisado por Pierrette Hondagneu-Sotelo e Ernestine Avila (1997) no trabalho *“I’m here, but I’m there: the meanings of latina transnational motherhood”*. Ao analisar as trajetórias e experiências e/immigratórias de imigrantes centro-americanas que trabalham como empregadas domésticas e babás em Los Angeles, na Califórnia, as autoras descrevem como essas imigrantes, que deixaram seus filhos nos países de origem para se inserir no mercado de trabalho norte-americano, criam novos sentidos, significados e prioridades para a tarefa da maternidade, o que demonstra que a maternidade não é de nenhuma forma biologicamente predeterminada, mas histórica e socialmente construída. Os esforços, estratégias e significados criados por essas imigrantes para se acomodarem às separações espaço-temporais e continuar contribuindo com a criação de seus filhos, que nos países de origem estão sob a tutela de avós, parentes próximos ou cuidadoras contratadas especialmente para esse fim, constituem um novo tipo de arranjo que as autoras chamam de “maternidade transnacional”.

### **Considerações finais**

O conceito de redes sociais favorece a compreensão do deslocamento de valadarenses na conexão com os Estados Unidos porque possibilita aos potenciais emigrantes a

participação em redes de relacionamentos com amplas possibilidades de trocas de experiências, informações, relações econômicas, culturais e simbólicas. Com a disseminação dessas redes e a intensificação dos contatos transnacionais a cidade de Governador Valadares está em contato direto e permanente com o exterior, de modo que os e/immigrantes e suas famílias passam a reconstruir suas vidas simultaneamente imbricadas em mais de uma sociedade gerando um campo singular de relações sociais transnacionalizadas (PARELLA, 2007). Mesmo pessoas que nunca emigraram se envolveram de alguma forma com a realidade da emigração, o que fez com que os emigrantes e suas famílias “estruturassem a vida entre dois lugares” (ASSIS, 2002) e provocou uma “nova configuração no estilo de vida local” (SIQUEIRA, 2006).

Contudo, como advertem Grasmuck e Pessar (1991, p.138), se queremos melhor compreender a configuração dos fluxos migratórios contemporâneos tendo como viés teórico a configuração das redes de migração e das estratégias familiares é preciso evitar duas importantes acepções frequentemente encontradas na literatura sobre migração. A primeira delas é a ideia de que essas redes são formadas apenas por laços de solidariedade. Essa visão deve ser relativizada na medida em que algumas vezes as ações e orientações dos membros familiares no interior dessas redes são informadas por hierarquias de poder que produzem tensões e conflitos. A segunda é a ideia de que as estratégias familiares são sempre materiais ou econômicas. Essa noção deve incluir considerações culturais na medida em que ideologias de gênero, geração e parentesco, tanto quanto possibilidades de produção e consumo, condicionam as estratégias disponíveis no interior dessas redes. A experiência migratória dos valadarenses entrevistados demonstra que a participação nessas redes por vezes demandam processos de renegociações de projetos migratórios, rearranjos familiares e de gênero, e que as relações pessoais também assumem características do conflitos e das ambiguidades.

## Referências

ALMEIDA, Agnes Rocha de, DIAS, Carlos Alberto, MATOS, Emiliane de Oliveira e SANTOS, Lucas Nápoli dos. **Impactos da emigração sobre as vivências da mulher do emigrante**. In: ESPINDOLA, Haruf Salmen e ABREU, Jean Luiz Neves (Orgs). Território, sociedade e modernização: abordagens interdisciplinares. Governador Valadares: Ed. Univale, 2010.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui, estar lá...: uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos**. TEXTOS NEPO. Campinas, junho de 2002.

\_\_\_\_\_. **Fazendo a América, fazendo faxina: redefinindo identidades de gênero?** IV RAM: Antropologia em Perspectivas, Florianópolis, 2003. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/vram2003/a13-gassis.PDF>. Acesso em 12/01/2011.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FLEISCHER, Soraya R. **Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts**. São Paulo: Anablume, 2002.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos**. In: Migrações internacionais: contribuições para políticas. DF: 2001, p. 427-441.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

GLICK **From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration** - SCHILLER, Nina, BASCH, Linda e ZSANTON-BLANC, Cristina.. *Anthropological Quarterly*, v.68, n.1, 1995, p.48-63.

GRASMUCK, Sherri e PESSAR, Patricia. **Between two islands: dominican international migration**. Berkeley: University of California Press, 1991.

HIRATA, Helena. **A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho**. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n.21, jan/jun, 2009, p.24-41.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette, AVILA, ERNESTINE. **I'm here, but I'm there: the meanings of transnational motherhood**. *Gender and Society*, v.11, n.05, 1997, p. 548-71.

JARIEGO, Isidro Maya, GARCÍA, Manuel Fco. Martínez e RAMÍREZ, Manuel García. **Cadenas migratorias y redes de apoyo social de las mujeres peruanas en Sevilla**. *Demófilo: Revista de Cultura Tradicional de Andalucía*, n.29, p.87-105.

LISBOA, Teresa Kleba. **Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência**. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 15(3): 805-821, setembro-dezembro de 2007.

MASSEY, Douglas S. et al. **Return to Aztlan**. Los Angeles: University of California Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **Why does immigration occur? A theoretical synthesis**. In: HIRSCHMAN, Charles, DEWIND, Josh e KASINITZ, Philip. *The handbook of international migration: the American experience*. New York: Russell Sage Foundation, 1999, p.34-52.

MASSEY, Douglas, ARANGO, Joaquin, HUGO, Graeme, KOUAOUCI, Ali, PELLEGRINO, Adela e TAYLOR, J. EDWARD. **Theories of International Migration: A Review and Appraisal**. Population and Development Review, v.19, n.03, 1993, p.431-466.

PARELLA, Sònia. **Los vínculos afectivos y de cuidado em las familias transnacionales: migrantes ecuatorianos y peruanos en España**. Revista Migraciones Internacionales, v.04, n.02, 2007, p.151-187.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.59-72, 1996.

\_\_\_\_\_. **O momento da minha vida: funções do tempo na História Oral**. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org). São Paulo: Olho d`agua, 2004.

PORTES, Alejandro. **Estudos sobre as migrações contemporâneas: transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração**. Lisboa: Fim de Século, 2006.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco**. In: REIS, Rossana Rocha & SALES, Teresa. Cenas do Brasil Migrante. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 45-86.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SASSEN, Saskia. **Contrageografías de la globalización: género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos**. Madrid: Traficantes de sueños, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da USP, 1998, p.54.

SCUDELER, Cristina. **Imigrantes Valadarenses no Mercado de Trabalho dos EUA**. In: REIS, Rosana Rocha e SALES, Teresa (orgs). Cenas do Brasil Migrante. São Paulo: Boitempo, p. 193-233.

SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares – sonhos e frustrações no retorno**. Tese de doutorado em Sociologia. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mobilidade social: análise comparativa do retorno de brasileiros dos EUA e Portugal. Migrações**. Revista do Observatório das Migrações, v.5, 2009, p. 135-154.

SOARES, Weber. **Emigração e (i)mobilidade residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano**. In: REIS, Rossana Rocha & SALES, Teresa. Cenas do Brasil Migrante. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 167-192.

TILLY, Charles. **Transplanted Networks**. In: Yans-McLaughlin, Virginia, Immigration Reconsidered, NY, Oxford University Press, 1990, p. 79-95.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.22, n.44, 2002, p. 341-364.

VICENTE, L. Trinidad. **Importancia de los flujos migratorios de mujeres.** In: BLANCO, Cristina (Org). *Migraciones: nuevas movilidades en un mundo en movimiento.* Rubí (Barcelona): Anthropos, 2006.